



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA – CÊNICAS**

**UM BAILADO DA CULTURA POPULAR**  
**ESTUDO SOBRE A DANÇA DE CABOCLINHO REGIÃO GOVERNADOR**  
**VALADARES**

**Shirley de Oliveira**

**GOVERNADOR VALADARES – MINAS GERAIS**

**2014**

**SHIRLEY DE OLIVEIRA**

**UM BAILADO DA CULTURA POPULAR  
ESTUDO SOBRE A DANÇA DE CABOCLINHO REGIÃO GOVERNADOR  
VALADARES**

Monografia apresentada na conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro, habilitação em docência para aulas de teatro do Ensino Fundamental e Ensino Médio, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientadora: Professora Vanessa Paula da Ponte.

**GOVERNADOR VALADARES – MINAS GERAIS**

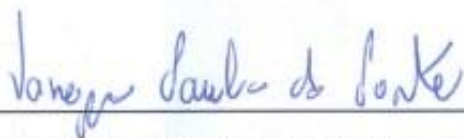
**2014**

SHIRLEY DE OLIVEIRA

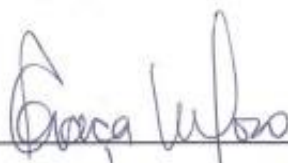
**UM BAILADO DA CULTURA POPULAR  
ESTUDO SOBRE A DANÇA DE CABOCLINHO REGIÃO GOVERNADOR  
VALADARES**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a MS sob a orientação do (a) professor (a) Mestre Vanessa Paula da Ponte.

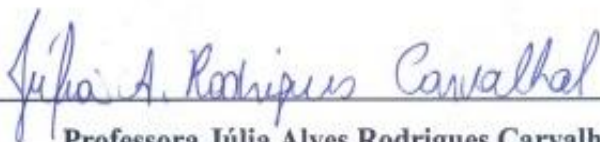
**Ipatinga-MG, 22 de novembro de 2014.**



**Professora Mestre Vanessa Paula da Ponte**



**Professor Doutor Jorge das Graças Veloso**



**Professora Júlia Alves Rodrigues Carvalhal**

Dedico este trabalho a meu filho Gustavo Henrique de Oliveira,  
a quem amo muito nesta vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que esteve presente em minha vida em todos os momentos e nunca me abandonou mesmo nos instantes mais difíceis, sendo meu amparo e refúgio.

Ao meu pai, que não está mais presente e que foi importante nesta encarnação; à minha mãe, responsável por tudo que sou hoje; a todas as minhas irmãs Sheila, Cide, Cláudia, Márcia, principalmente Alcione que me ajudou na revisão do meu trabalho, aos meus irmãos Márcio e Eduardo; a todos outros familiares, especialmente ao meu tio Ailton Barros que me apoiou nos estudos.

À professora Vanessa Paula da Ponte, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a execução e conclusão desta monografia.

Aos meus queridos amigos: Andréa Menezes que me incentivou e me ajudou no momento da inscrição nesse curso; Sandra Elizabeth de Oliveira, minha companheira no curso que, durante 4 anos, dividiu comigo o trajeto de Governador Valadares à Ipatinga; Ademir Júnior que me ajudou com muito carinho nos momentos em que a tecnologia não me era capaz; Armando Nunes Paiva que durante esses quatro anos nos conduziu para os estudos na cidade de Ipatinga; Edna Modesto que auxiliou em diversos momentos; Andréa Barbosa do Vale e tantos outros amigos e colegas que de alguma forma colaboraram com incentivo e apoio constantes na elaboração deste trabalho.

Ao meu grupo de teatro *Arte Vida* e a todos integrantes que me acompanharam e respeitaram meu tempo e dedicação aos estudos.

À minha primeira tutora presencial Olga Mendes que dedicou carinho, atenção e compreensão, e, ao segundo tutor presencial Denílson Almeida; ambos foram muito dedicados em nossos encontros presenciais.

Aos meus tutores a distância que contribuíram para o meu conhecimento.  
Aos meus colegas de curso com os quais dividi momentos de aprendizado, cumplicidade, crescimento e momentos de dúvidas e questionamentos.

Enfim, a todas as pessoas que contribuíram e participaram na reflexão e realização deste trabalho.

*A teatralidade é essencialmente humana. Todo mundo tem dentro de si o ator e o espectador. Representar num 'espaço estético', seja na rua ou no palco, dá maior capacidade de auto-observação. Por isso é político e terapêutico.*

Augusto Boal

## RESUMO

As danças que fazem parte do repertório da cultura popular agregam movimentos corporais, expressões faciais, passos, canções, figurinos, memórias, histórias e ensinamentos que são passados de geração em geração para contar e recontar episódios ocorridos em determinadas datas. Numa perspectiva dialógica, fundamentada em uma pesquisa etnográfica, este trabalho propõe oferecer uma interpretação das vivências de pessoas moradoras no Distrito de Penha do Cassiano, região da cidade de Governador Valadares, interior do estado de Minas Gerais, na prática da dança caboclinho realizada nessa zona rural e adjacências.

A pesquisa aponta como o Grupo Dança de Caboclinho do Distrito de Penha do Cassiano é atuante, realizando diversas apresentações nas zonas urbanas e zona rural de Governador Valadares, apesar da carência de investimento dos órgãos públicos. As vivências do grupo constituem importante acervo da memória cultural local e representa nas vidas de seus praticantes uma ponte para sociabilidades, um contato permanente com a arte e uma fonte de vitalidade para seus praticantes. Tenciono também refletir acerca da teatralidade expressa nos bailados dos participantes. Focar também nas relações entre brincantes e teatralidade, a dança e música.

**Palavras Chaves:** dança, dança de caboclinho, cultura popular, memória

## SUMÁRIO

RESUMO	7
SUMÁRIO	8
INTRODUÇÃO	9
1. CAPÍTULO 1 - A DANÇA CABOCLINHO	17
1.1. Os Caminhos da Dança Caboclinho no país. Um panorama!	17
1.2. A dança de caboclinho em Governador Valadares e a trajetória da dança do Grupo de Dança de Penha do Cassiano.	22
1.3. A brincadeira, o bailado	24
1.4. A Farda	27
1.5. Instrumentos e Musicalidade	29
1.6. Tempos e espaços de apresentação	31
1.7. Como os integrantes pensam e sentem ao dançar o caboclinho	33
1.8. Reflexões sobre as apresentações	35
CAPÍTULO 2 - O PÚBLICO	37
2.1. Público	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45



## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa pretendo oferecer uma interpretação sobre as vivências de pessoas, moradoras no Distrito de Penha do Cassiano, região da cidade de Governador Valadares, interior do estado de Minas Gerais, na prática da dança de caboclinho realizada nessa zona rural e adjacências. Para esta pesquisa elegi um procedimento metodológico qualitativo, com abordagem etnográfica, que pretende proporcionar reflexões sobre os sentidos e significados que esses indivíduos, pertencentes a realidades sociais, econômicas e culturais diversas, atribuem à prática dessa dança. Encaminharei este estudo ouvindo atentamente as suas narrativas sobre a dança na busca de uma compreensão sobre a importância que ela assume em suas vidas e em suas comunidades. Buscarei também atentar para a dimensão da teatralidade presente na performance dos brincantes.<sup>1</sup>

O termo brincantes será entendido neste trabalho em sintonia com a definição de Juliana Bittencourt Manhães que afirma que: “os brincantes são aqueles que brincam, se divertem, são aqueles que têm o compromisso de ‘segurar e sustentar’ a brincadeira ano a ano, são os integrantes dessa irmandade coletiva”. (MANHAES, 2010 p. 01). A autora diz ainda que: “os brincantes são indivíduos que participam criativamente da sua atuação, fazendo da encenação uma brincadeira popular, em que a comunicação com o público é fundamental para firmar uma rede de comunicação; ou simplesmente, essa platéia se mistura a essa manifestação, se unificando corporalmente àquela situação, àquela performance.” (MANHÃES, 2010 p.02).

A pesquisa bibliográfica que realizei aponta que a dança de caboclinho pode ser apreciada em cidades do nordeste do Brasil.<sup>2</sup> Nesses lugares mencionados, os participantes atribuem diversas denominações ou significados para este bailado: momento de socialização, festa, devoção, manifestação cultural e também uma ferramenta de visibilidade social para a

---

<sup>1</sup> Neste trabalho usarei o termo *brincantes* para me referir aos participantes da dança de caboclinho. Essa nomenclatura *brincadeira* é utilizada ao falar de alguns tipos de manifestações tradicionais populares. “Esse termo é atribuído às manifestações que carregam características performáticas, incluindo danças, canto, encenação, entre outros. Não é comum, por exemplo, dizer ‘vou brincar de esculpir bonecos ou painéis de barro’, mas é bastante comum dizer ‘vou brincar o maracatu, o mamulengo, o Bumba meu boi’. O termo é usado pelos próprios participantes da comunidade que brincam e, muitas vezes, a brincadeira pode ser chamada também de brinquedo. (UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL. *Licenciatura em Teatro - Módulo 00: Arte e cultura.*). No que se refere à teatralidade seguirei ensinamentos de Koudela que afirma: “a teatralidade é composta por duas partes: uma privilegia a performance e a outra a representação simbólica. A primeira se origina na atuação do sujeito do dançarino-ator, permitindo-lhe manifestar seus desejos; a última inscreve o sujeito do atuante em leis e códigos estéticos – expressos no plano do simbólico. A teatralidade nasce do jogo entre esses dois pólos. (KOUDELA, 2001, p.23).

<sup>2</sup> Cidades do Nordeste do Brasil, em diversos estados do nordeste brasileiro, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia.

comunidade. Eles mostram em seu bailado sentimentos, percepções, ideias do dia a dia que passam a ter um papel importante na identidade social<sup>3</sup> local. Assim ganham visibilidade ao longo dos anos e incorporam ao modo de ser dessa população. Uma população tem diversos modos de ser, lembrando.

É uma prática cultural passada oralmente pelos seus praticantes ou brincantes Segundo Mario de Andrade, a dança foi vivenciada por etnias indígenas que se reuniam para tocar, dançar e celebrar seus cotidianos. Os instrumentos musicais tocados são surdos, maracás, reco-recos e ganzá. Homens, mulheres e crianças dançavam e cantavam apresentando ritmo marcado pelas preacas (arco e flecha de madeira). Na concepção do referido autor:

De todas as danças-dramáticas que vi, Os Caboclinhos são o único bailado verdadeiro. Só neles a dança sobrepuja de muito todos os outros elementos artísticos do brinquedo, e exige mesmo virtuosidade, não apenas dos personagens solistas, como do corpo de figurantes. Outra circunstância que determina Os Caboclinhos como bailado legítimo, é que neles a parte dramática é expressa quase que exclusivamente pela coreografia. (ANDRADE, 1982).

Esta pesquisa não objetiva encontrar a origem da referida prática. O fundamental nestas páginas é os sentidos que os sujeitos com quem interagi em pesquisa mobilizam em relação à dança caboclinho e o lugar dela no cotidiano da comunidade. Tenciono refletir acerca da teatralidade expressa nos bailados dos participantes. Atentar para as relações entre brincantes e teatralidade, dança e música.

O meu interesse em desenvolver esta temática se gestou em minhas experiências no curso de Licenciatura e no encantamento que sempre alimentei em relação às manifestações da Cultura Popular.<sup>4</sup>

Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado

<sup>3</sup> Conceito de identidade social: a identidade cultural caracteriza as pessoas pelo modo de agir, de falar, é como se as “rotulasse” a partir dos modos específicos de sua cultura. A cultura é fruto da miscigenação de diferentes povos que introduziram seus hábitos e costumes, com o contato de uma cultura e outra, pode gerar uma cultura ainda mais diferente. A identidade cultural move os sentimentos, os valores, o folclore e uma infinidade de itens impregnados nas mais variadas sociedades do mundo, e apresenta o reflexo da convivência humana. Disponível em: < <http://www.alunosonline.com.br/sociologia/identidade-cultural.html> >.

<sup>4</sup> A cultura popular pode ser definida como qualquer manifestação cultural que o povo produz e participa de forma ativa. Elas apresentam os fatos da vida cotidiana da cidade ou da região. Temas como festas, política, trabalho, religiosidade, identidades, história são abordados. Ao contrário da cultura de elite, a cultura popular surge das tradições e costumes e é transmitida de geração para geração, principalmente, de forma oral. Uma grande maioria das pessoas de forma geral, viveu ou vive diante de uma forma de manifestação de cultura popular. Nos grandes centros como grandes cidades e capitais, a cultura popular não tem a mesma visibilidade que tem nas cidades de interior dos nossos estados. Ao se conversar com pessoas do interior, as mesmas sempre irão relatar uma forma de conhecimento da cultura popular. Diversos são os conceitos em relação à cultura popular, são memórias de vivência de cada pessoa, um conjunto de manifestações criadas por um grupo de pessoas que têm uma participação ativa nelas. A cultura Popular apresenta uma produção proeminente e deve ser nacionalmente reconhecida e valorizada. As danças são vivas representações dessa cultura.

pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integram nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. (CASCUDO, 1976).

Durante estudos no meu Curso de Licenciatura em Teatro UAB/UNB, tive a oportunidade de conhecer e aprofundar meus conhecimentos da cultura popular que tanto já abrilhantava meus olhos. Ao assistir a primeira apresentação do Grupo de dança de Caboclinho de Penha do Cassiano, interessei-me sobremaneira pelos detalhes rítmicos, sonoros e teatrais; pelo bailado que os participantes empreendiam; pelo vestuário, adornos e instrumentos; enfim, pela dimensão estética e artística da dança executada naquele momento. Os brincantes, no instante da apresentação, revelaram-se personagens num verdadeiro jogo de expressão, demonstrando o caráter coletivo da prática teatral que contribui na conquista e fortalecimento da identidade de um grupo. Isso despertou em mim a necessidade de estudar essa manifestação artística. Para Boal, “Os jogos, em contrapartida, tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagens. Os jogos são um diálogo, exigem um interlocutor, são extroversão”. (2008, p.87).

O encantamento com a cultura popular já havia sido despertada em mim desde a primeira visita à cidade de Jequitinhonha, que fica no Vale do Jequitinhonha, região do nordeste de Minas Gerais. Em 2004, recebi um convite para um festival de teatro (Festeje – Festival de teatro do Vale do Jequitinhonha), onde tive a oportunidade de ver e apreciar diversas formas de manifestação popular. Tais como: a dança do boi de Janeiro da cidade de Itaobim, a Trança Fitas de Turmalina, Grupo Tamborzeiros de Araçuaí, Grupo de Gongada Chapada do Norte, Folia de reis de Joáima e muitos outros grupos que apresentam nos eventos culturais daquela região<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Em anexo uma breve descrição das referidas manifestações populares. O boi de janeiro apresenta dois estandartes com os desenhos do Boi e da Nega (personagens que fazem a brincadeira) que vão à frente carregados por duas jovens de 12 e 14 anos. A Nega e o Boi seguem atrás fazendo a festa da criançada na rua e o grupo vem logo depois entoando as cantigas. Disponível em: <<http://territoriobrancar.com.br/olhares-brasil/transmissao-de-saberes-em-festas-populares/boi-de-janeiro-em-itaobim/>>. A dança de trança fitas é uma dança folclórica composta de casais segurando fitas em volta de um mastro. A expressão “trança fitas” se dá pelo fato dos casais dançarem em círculo, trançando as fitas por todo o mastro. Disponível em: <<http://bahia.com.br/videos/danca-da-tranca-fitas/>>. A congada é uma festa folclórica que une tradições africanas e ibéricas. A congada é um evento que faz parte do folclore brasileiro. Trata-se de um desfile ou procissão que reúne elementos das tradições tribais de Angola e do Congo, com influências ibéricas no que se refere à religiosidade. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/congada-festa-folclorica-une-tradicoes-africanas-e-ibericas.htm>>. A folia de reis tem origem portuguesa. É uma festa católica ligada à comemoração do Natal desde o século XIX; segundo a lenda, quando Jesus nasceu, três reis magos foram visitá-lo, levando presentes. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/datas-comemorativas/folia-de-reis/>>.

Os conhecimentos vivenciados na Licenciatura me deram embasamento para buscar manifestações da Cultura popular em minha cidade. Ao investigar o contexto histórico e geográfico da região em que moro, encontrei o Grupo de Dança de Caboclinho do Distrito de Penha do Cassiano e ele se tornou o objeto de estudo do meu trabalho.

Para construir esta pesquisa, acompanhei as atividades do grupo de agosto de 2013 a agosto de 2014. Durante esse período, ocorreram os IX e X Encontros de Folclore do Distrito de Penha do Cassiano.<sup>6</sup> Estive presente aos ensaios do grupo que ocorrem numa localidade situada em próximo ao distrito de Penha do Cassiano, chamada Córrego dos Prazeres, realizei diversas visitas para (entrevistar) o mestre, o coordenador do grupo, os brincantes e público. Acompanhei diversas apresentações entre elas: um evento cultural na Praça da Estação de Governador Valadares e uma apresentação que ocorreu na procissão da Nossa Senhora de Fátima<sup>7</sup> no mês de maio em Córrego dos Alfredos. Durante este evento pude perceber a seriedade e devoção dos participantes, o caminhar das mulheres e homens pela rua e sua entrada na igreja, a comunidade em volta esperando da imagem de Nossa Senhora de Fátima que era conduzida por pessoas da comunidade do local, o Grupo de dança de Caboclinho de Penha do Cassiano acompanha essa procissão tocando instrumentos, dançando, cantando os cânticos que é acompanhado por todos da procissão, quando chega a frente da igreja em primeiro lugar acontece a entrada da imagem de Nossa senhora de Fátima que é levada por um grupo de quatro pessoas, a imagem fica sobre uma madeira que é carregada por quatro pessoas, em seguida entra o grupos de caboclinho, durante o momento em que as pessoas caminham na procissão o grupo dança, canta apresentam sua performance , depois da entrada do grupo de caboclinho, acontece a entrada da comunidade. Após a entrada de todas as pessoas, o padre inicia a missa em homenagem a Nossa Senhora de Fátima. Dentro da igreja o grupo canta em homenagem a Nossa Senhora, ao término da missa o Grupo de caboclinho de Penha do Cassiano se despede da população com cânticos.

---

<sup>6</sup> Encontro que visa resgatar as tradições e o folclore da região, promovendo a valorização das manifestações culturais; promove a realização do Encontro Regional de Folclore Penha do Cassiano; entrou com o projeto na Lei Estadual e Federal de incentivo à cultura; atende, em especial, o público da terceira idade.

<sup>7</sup> Procissão de Nossa Senhora de Fátima Em todo o Portugal e em todos os países do mundo, particularmente no Brasil, tem-se criado, no decorrer da história, fortes raízes à devoção a Nossa Senhora de Fátima. O início e características desta devoção muito de semelhante tem à de Nossa Senhora de Lourdes. Como em Lourdes, Nossa Senhora que se dignou comunicar à menina Bernadete de Soubirous, hoje santa canonizada pela Igreja, Maria Santíssima em Fátima apareceu, (no ano de 1917) por diversas vezes às três crianças: Lúcia de Jesus dos Santos e seus primos Francisco e Jacinta Marto. Entre Lúcia e a Aparição estabeleceu-se diálogo da duração de dez minutos. Jacinta via a Aparição e ouvia-lhe as palavras dirigidas a Lúcia; Francisco via apenas a Aparição, sem, porém, ouvir coisa alguma, apesar de se achar na mesma distância e possuir ótimo ouvido. Pesquisa sobre Nossa Senhora de Fátima disponível em: <<http://www.paginaoriental.com/titulos/nsfatima1305.htm>>.

Os integrantes do grupo são pessoas que vivem na zona rural. São trabalhadores que atuam na agricultura familiar, donas de casa, motoristas, aposentados que vivem cuidando dos filhos e netos, e que apreciam brincar a dança de caboclinho. São pessoas com baixo poder aquisitivo e sem muito acesso a informações de tecnologia, vivem do que plantam em seus terrenos que são pequenas propriedades, seu próprio quintal, na zona rural. que se esforçam enormemente para ter seus figurinos, adornos e instrumento.

Pretendo neste trabalho iluminar as seguintes questões: Como os brincantes relatam a história da dança de caboclinho no Distrito de Penha do Cassiano? Qual a importância da dança na vida dessas pessoas? Quais são os sentidos e significados atribuídos aos instrumentos, músicas e figurinos? Como se dá a dimensão da teatralidade na dança? Como pensar a dança de caboclinho no movimento da cultura popular? O que a dança fala sobre o meio social das pessoas? De que forma a dança contribui para o enriquecimento da nossa cultura? Qual a reação do público enquanto assiste a apresentação de dança caboclinho? Qual a importância do grupo na comunidade? Qual a contribuição da dança para público?

Percebi em minhas observações que há uma dimensão de teatralidade muito forte na dança; essa dimensão suscita os seguintes questionamentos: como se desenvolve essa junção teatro e dança na manifestação cultural estudada?

Estou certa que ao construir este trabalho, ele transmitirá informações sobre a dança de caboclinho e vislumbrará a importância que os sujeitos sociais com quem interagi em pesquisa oferecem a essa manifestação da cultura popular. Acredito que por meio das análises e vivências realizadas nesse trabalho, contribuirei para eliminar a falta de visibilidade que tem a dança de caboclinho. As manifestações da cultura popular geralmente são visualizadas em datas específicas enquanto o resto do ano passa sem comemorações, o estudo do folclore demanda dedicação e estudo aprofundado. Conhecer seus meandros abre um novo horizonte ao conhecimento e mostra uma riqueza particular do nosso país.

Para desenvolver este tema a metodologia que elegi tem uma abordagem etnográfica<sup>8</sup>. Eu a adotarei porque a mesma estuda e revela os costumes, as crenças e as tradições das pessoas com quem interagi em pesquisa. Ela possibilita a compreensão das significações que elas atribuem à manifestação da cultura popular que escolhi para estudar.

Segundo Chizzotti, o uso da etnografia em diferentes áreas de pesquisa tem crescido porque o pesquisador na interação direta com as pessoas na vida cotidiana, consegue

---

<sup>8</sup> Etnografia é o estudo e descrição dos povos, sua língua, raça, religião, etc. (BUENO, 2008?). Adotarei os autores ANTÔNIO CHIZZOTTI, (2006) e OTÁVIO CRUZ NETO (in MINAYO, 1996).

estabelecer uma compreensão de suas concepções, práticas, motivações, comportamentos e procedimentos. (CHIZOTTI, 2006).

Busco nestas páginas tecer uma detalhada descrição e análise das vivências dos brincantes na dança de caboclinho e, também, das vivências dos expectadores. Exercitarei a observação participante<sup>9</sup> que consiste em acompanhar, observar e descrever atentamente as apresentações do grupo na zona rural e na cidade de Governador Valadares.

Acredito no que afirma Otávio Cruz Neto “Em nossa percepção, a relação do pesquisador com os sujeitos a serem estudados é de extrema importância.” A essa consideração, acrescenta “[...] o campo torna-se um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos.” (NETO in MINAYO, 1996, p.52 e 54).

Além da observação participante, adotarei a entrevista como forma de abordagem técnica do trabalho de campo. Realizarei entrevistas com os integrantes do grupo e com pessoas que assistiram as apresentações da dança de caboclinho. Elas acontecerão antes das apresentações, nos dias de apresentações do grupo e em dias subsequentes às mesmas, com o objetivo de coletar dados que revelem a relação dos participantes com a dança, observando-se a disponibilidade, o depoimento, o local das entrevistas e apresentações, (casa, escritório, espaço público etc.), a postura dos entrevistados no momento de coleta de material, de forma que se possa perceber as reações dos brincantes da dança de caboclinho.

Dentre os vários integrantes do grupo com quem interagirei elegi algumas pessoas para fazer entrevistas em profundidade. São eles: José Daniel da Silva, 56 anos, coordenador do grupo; José Cândido Dias, 67 anos, é um mestre do grupo, mais conhecido por Senhor Neném; Elizeu Gabriel 48 anos, gerente de projetos da secretaria de cultura de Governador Valadares, Terezinha Mendes Silva, 74 anos, Marcelo Santos, 40 anos, Dona Isabel Narcísia Campos, 61 anos, aposentada e dona de casa, Geraldo Gregório de Souza/Mestre agricultor, 59 anos, Juventino Pacheco da Silva mais conhecido por Tinico, 73 anos, lavrador.

Geertz (1989) recomenda uma teoria interpretativa da cultura. Durante a pesquisa pretendo adotar essa proposta de Geertz, tentando compreender, descrever, interpretar e analisar os significados e símbolos construídos pelos sujeitos da pesquisa em relação à dança que vivenciam através dos diálogos que estabelecerei com eles.

---

<sup>9</sup> Otávio Cruz Neto afirma que “A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (MINAYO, Org., 1996, p. 59).

Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir a sua particularidade. (Quanto mais eu tento seguir o que fazem os marroquinos, mais lógicos e singulares eles me parecem.). Isso os torna acessíveis: colocá-los no quadro de suas próprias banalidades dissolve a sua opacidade. (GUEERTZ, 1989, p.24).

Assim, visitarei os lares das pessoas que contribuirão com suas falas e experiências nas entrevistas, conviverei, dialogarei com os mesmos, acompanhando e participando das atividades realizadas no cotidiano de cada uma delas, na tentativa de captar aquilo que Malinowski (1978, p.31) denominava “os imponderáveis da vida cotidiana”.

Além das entrevistas, utilizarei fotografias e filmagens como recursos de registro. A fotografia será uma grande companheira, conseguirei registrar diversos momentos de apresentações, ensaios, oficinas e entrevistas. A filmagem também será feita através da mesma câmera fotográfica na qual registrarei as entrevistas. Otávio Cruz Neto (in MINAYO, 1996), em relação à fotografia e à filmagem, considera que “Esse registro visual amplia o conhecimento do estudo porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado.”. E acrescenta em relação à filmagem:

O uso da filmagem nos permite reter vários aspectos do universo pesquisado, tais como: as pessoas, as moradias, as festas e as reuniões. Essa técnica de documentação, que lida com os planos da imagem e da comunicação, vem sendo cada vez mais difundida.” (NETO in MINAYO, 1996, p.63).

Em outros momentos, a entrevista será escrita, pois, acredito que essa ação não causará constrangimento aos entrevistados e permitirá um melhor envolvimento das mesmas. Acompanharei também os ensaios na tentativa de identificar padrões simbólicos e práticas empregadas, descrever e analisar diferentes trajetórias com riqueza de detalhes. Identificarei valores, concepções, idéias, sentimentos e significado da dança de caboclinho na vida das pessoas que a brincam.

Ainda em relação à fotografia, consta em Achutti (1997; 2004), que a fotografia é um ato permanente de fragmentação de elementos de uma determinada realidade em um plano. Segundo o autor, essa característica aliada ao olhar etnográfico é capaz de conduzir ao desenvolvimento de uma forma narrativa mais aprofundada, não se restringindo apenas ao texto na construção de sentidos e à fotografia como ferramenta de pesquisa de campo, mas também à imagem como discurso. Sendo possível, na construção de uma narrativa visual, ter-se uma maior eficácia na difusão dos resultados obtidos.

Para nortear este trabalho fiz um minucioso levantamento bibliográfico. Utilizarei, sobretudo, estudos, pesquisas de autores brasileiros que publicaram sobre a temática, entre

eles: Câmara Cascudo (1972, 1976), Mário de Andrade (1982, 1983), Saul Martins (1988).

Outro autor<sup>10</sup> que contribuirá com diferente visão sobre o assunto poderá ser utilizado para enriquecimento das orientações teóricas, completando, assim, o estudo em questão.

Justifica-se a adoção do autor Câmara Cascudo porque ele aborda manifestações folclóricas e é um importante pesquisador sobre o folclore e os costumes populares brasileiros. Já Mário de Andrade estudava a cultura popular pensando em identidade nacional e a renovação que traria para os estudos das manifestações do povo e elaboração de uma estética, como artista. Saul Martins divulgou e valorizou as tradições da cultura popular em Minas Gerais. Outro autor importante para este trabalho é Augusto Boal que contribuiu para o conceito das técnicas teatrais.

Faz-se necessário que as pessoas atentem para a importância que a dança caboclinho tem na vida dos brincantes do Distrito de Penha do Cassiano e de toda a comunidade e passem a considerar este bailado como manifestação lúdica da cultura popular.

Obedecendo ao exposto, este trabalho se organizará em dois capítulos.

No primeiro capítulo, apresentarei os caminhos da dança de caboclinho na região de Governador Valadares, descreverei o Grupo de dança de Caboclinho de Penha do Cassiano, Distrito de Governador Valadares, mostrarei o desenvolvimento e apresentação da dança realizados pelo grupo, apresentarei as entrevistas com os brincantes e tratarei de como se deram os ensaios do grupo. Buscarei apresentar reflexões sobre a significação que os participantes do Grupo de Dança de Penha do Cassiano conferem à realização e prática dessa dança. Apresentarei uma compreensão possível das subjetividades, dos envolvimento emocional e físicos que se realizam durante a *brincadeira* realizada em grupo e as implicações que se relacionam à vida cultural dos participantes. Buscarei também atentar para a dimensão da teatralidade presente na performance dos brincantes.

O segundo capítulo dedicarei ao público, as reações diversas do mesmo diante das apresentações. O que significa para eles as apresentações. Procurei refletir sobre o lugar social da dança na região.

Na considerações finais, serão apresentadas as considerações decorrentes das observações e análises realizadas e o contexto teatral no qual a dança de caboclinhos está inserida.

---

<sup>10</sup> Outro autor é Roger Bastide. Afirma Bastide: “A cultura popular só é compreensível quando incorporado à vida da comunidade”. (BASTIDE, 1959).



## **CAPÍTULO 1**

### **A DANÇA DE CABOCLINHO**

#### **1.1. Um panorama sobre os caminhos da dança caboclinho no país.**

Neste tópico pretendo trazer informações, embasadas em autores, sobre os caminhos da dança caboclinho no país. Apresento apenas um pequeno panorama das informações que coletei nas bibliografias. Depois, apresentarei ao leitor as próprias narrativas de como os brincantes com quem interagi narram a dança e apresentam as particularidades da mesma na região de Governador Valadares. Buscarei também atentar para a dimensão da teatralidade presente na performance dos brincantes com a qual podemos compreender que os movimentos e gestos diários são performáticos e utilizados na dança.

Mário de Andrade (1982) observou o nordeste e norte do Brasil em 1928-1929 e deixou algumas descrições e documentos sobre sua pesquisa. “Uma das nossas danças-dramáticas de que menos se tem falado são os ‘Caboclinhos’”. (ANDRADE, 1982, p.181). De fato, de lá para cá são poucos os estudos que tratam especificamente dessa dança. Essa foi uma das razões que me estimulou a desenvolver esta pesquisa. Segundo Mário de Andrade, a dança de caboclinho é uma manifestação da cultura popular passada oralmente pelas gerações pelos seus praticantes ou brincantes.

Como mencionei, a dança tratada nestas páginas passou a ser conhecida por diversas cidades do nordeste brasileiro como uma dança de caráter religioso, é reconhecida como dança-dramática com elementos artísticos do brinquedo, com um bailado coreográfico de caça, guerra e morte. A formação para a dança é em duas filas em ordem decrescente que é encabeçada por um personagem; cada fila termina com uma criança (menino), que são chamados rabos de cordão (cordão simboliza que fica ao início ou final da fila). Os instrumentistas são colocados de um lado, junto a uma das cabeças do cordão. A coreografia consiste em trejeitos com o corpo, em um avançar e recuar do cordão; os braços se gesticulam muito com arco de flecha no ar. O mestre utiliza um apito o qual se inicia e cessa a música e a dança. Hoje a dança de caboclinho é apresentada no carnaval e em festividades religiosas e tem diversas classificações. Alguns a classificam como dança religiosa, profana, guerreira, outros como dança popular. Essa titularidade varia de região para região, de acordo com a forma que foi repassada e/ou apresentada e em sintonia com as culturas locais.

Luiz da Câmara Cascudo (1972) faz uma definição da dança caboclinhos:

Caboclinhos, grupos fantasiados de indígenas, com pequenas flautas e pífanos percorrem as ruas nos dias de carnaval nas cidades do nordeste do Brasil. Executam um bailado primário, ritmado ao som da pancada das flechas nos arcos, fingindo ataque e defesa, em série de saltos e simples troca-pés. Não há enredo nem fio temático nesse bailado, cuja significação visível será a da apresentação das danças indígenas aos brancos, nos dias de festa militar ou religiosa. Outra, os caboclinhos visitam os pátios das igrejas antes do alardo nas ruas lembrados da passada função homenageadora. É uma reminiscência do antigo desfile indígena, com a dança, os instrumentos de sopro e o ruído dos arcos guerreiros. (CASCUDO, 1972, p.193).

Pode se observar uma dimensão religiosa na dança. Ela é executada, muitas vezes, em procissões. Os brincantes homenageiam os santos de sua devoção e pedem fartura em suas colheitas e vida próspera. Saul Martins, inclusive, mostra em seus estudos, a presença dessa dança em procissões: “a figura do índio brasileiro, associado à confraria de Nossa Senhora do Rosário, apresenta-se engalanado, aparatoso, exuberante, com ricas plumas coloridas e profusão de enfeites. A mão conduz pequeno arco já munido com a respectiva flecha.” (MARTINS, 1917).

A dança de caboclinho tem tradição em diversas cidades do nordeste brasileiro e é classificada como dança popular.

A dimensão da teatralidade é forte na dança caboclinho. Nas suas posturas corporais, em seus modos de bailar eles encenam papéis. É um corpo que se comunica com a gestualidade; seus movimentos sustentam a brincadeira. É um jogo de movimentos repetitivos que se integram no divertimento da dança.

As informações que estão agrupadas nas danças dramáticas brasileiras são muito mais que passos, coreografia, fitas coloridas e toques de instrumentos inusitados. Através das gerações mensagens foram deixadas por nosso povo, através da dança, da música do teatro, do figurino, da gastronomia, entre outros. A dança de caboclinho traz muitas riquezas em seus detalhes e contam sobre os repertórios estéticos, valores e memórias de seus brincantes.

Mário de Andrade (1982), em 1928 – 1929, relatou em *Danças Dramáticas do Brasil* que a dança de caboclinho sofreu resistências e preconceito:

“Os caboclinhos” saem pelo carnaval. Saem quando podem porque em nome dum conceito mesmo idiotíssimamente nacional de civilização, as Prefeitura e as Chefaturas de policia fazem o impossível pra eles não saírem, cobrando diz-que ate duzentos mil-reis a licença. Será possível!... Já os caboclinhos saem raramente. Ate pra ensaiar dentro de casa, pagam treze paus á Policia!... Os grupos e as formas de balidos são diversos. Alem dos caboclinhos, tem os “Índios Africanos”, tem os “Canidés”, os “Caramurus”, etc. (ANDRADE, 1982, p.182)

A dança de caboclinho faz parte da cultura popular. Ao entrarmos nesse campo, faz-se necessário ver os conceitos de cultura popular. Antônio Augusto Arantes, (1981) aborda dois pontos de vista acerca do conceito de cultura popular.

O primeiro refere-se, em geral, a aspectos da tecnologia (técnicas de trabalho, procedimentos de cura, etc.); e de “conhecimento” do universo, enquanto o segundo enfatiza as formas artísticas de expressão (literatura oral, música teatro, etc.); um tende a pensar os eventos no passado, como algo que foi ou que logo será superado; e outro pensa-se no futuro, vislumbrando neles indícios de uma nova ordem social. (ARANTES, 1981, p.8).

Como se pode observar, o conceito de Arantes enfatiza as formas artísticas de expressão como cultura popular, cultura de massas<sup>11</sup> que geralmente são criadas por grupos de pessoas e pode ser influenciada por crença, música, dança e gastronomia de um povo. Existe uma diversidade nas manifestações culturais, assim, pode-se afirmar que a dança de caboclinho faz parte da cultura popular por ser uma forma artística de expressão.

Faz-se necessário fazer uma reflexão aqui sobre a linguagem artística que estou trabalhando: a dança. Compreendo a dança como uma construção social e cultural, fundamentada nos ensinamentos de Mauss (1974). Esse autor considera que as maneiras particulares de os indivíduos servirem-se dos seus corpos, ou seja, as diferentes técnicas corporais, são transmitidas mediante processos educativos que oferecem as diretrizes de como os corpos devem agir e conviver. Nas palavras do autor: “[...] na arte de utilizar o corpo, os fatos da educação dominam.” (MAUSS, 1974, p. 215). Na concepção dele o corpo é um artefato cultural, pois expressa, nos mínimos movimentos, todo o aprendizado assimilado no meio social em que está inserido. Mais ainda, as maneiras de cantar, comer, respirar, amar, interagir e da dançar vão variar de cultura para cultura. A dança proporciona o conhecimento do seu próprio corpo, do ritmo interno e externo, possibilitando o contato com objetos, e a exploração do espaço.

As danças são artefatos sociais, a dança de caboclinho é um artefato social. A primeira distinção que se faz necessária no trato com o conhecimento da dança é o entendimento das relações estabelecidas entre a cultura popular e as mudanças sociais. Pois, de tempos em tempos, certas produções populares têm sua categorização cultural modificada, saindo dos meios populares e invadindo setores mais restritos ou vice-versa.

---

<sup>11</sup> Antônio Nóbrega afirma que “De acordo com alguns autores, só é possível fazer a diferenciação entre cultura popular e cultura de massas quanto o passar do tempo separa o que é moda e circunstância, alcançando e integrando a essência de um povo. (NÓBREGA em entrevista concedida a Antônio Abujamra em 24/05/2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=so4SMv5s9Iw> >).

Para Dionísia Nanni, podemos pensar no corpo como um instrumento musical, não só pela voz, mas também pela manifestação do ritmo e do movimento corporal: “a dança é uma necessidade do ser humano de manifestar ritmo, de comunicar-se com seus semelhantes através do físico, do mental e do emocional” (1995, p.132).

A linguagem artística da dança está presente em culturas diversas e é vivenciada por diferentes razões entre elas: homenagear a natureza, a caça, colheita, guerra homenagear os deuses. Através da dança o homem pôde se comunicar e desenvolver uma sociedade. Procurei compreender os sentidos dados pelos brincantes a dança de caboclinho. Segundo Bertoni,

A expressão através da dança veio estabelecer o elo inicial da comunicação coletiva, permitindo o agrupamento, a preservação e a cooperação entre os povos. Através desta forma de comunicação foi possível (...) cada coletividade desenvolver seu potencial interno, num sentido intelectual, social e cultural, adquirindo gradualmente, senso de organização, ordenação, divisão de trabalho, estruturando e amadurecendo o seu caminho evolutivo, dentro de um esquema coletivo. (BERTONI, 1992, p.08).

Bastide (1959) chama atenção para a diversidade e riqueza de detalhes das danças brasileiras e mostra como a dança é uma construção cultural. Ela vai ser vivenciada de acordo com os valores, percepções, idéias de cada contexto social. Isso fica expresso nos nomes das danças que vão variando muito de região para região:

As danças da cultura popular brasileira apresentam conjuntos de conhecimentos culturais, corporais, repertórios estéticos e elementos artísticos diversos que são produzidos em sintonia com os contextos culturais e sociais das diferentes regiões. Esses conhecimentos são passados de geração a geração (O pai ensina para o filho e o filho ensina para o seu filho e desde pequenos já praticam o que lhe foi ensinado). Na dança de caboclinho são marcantes os ensinamentos orais que caminham de geração em geração. São gestos, palavras, expressões. Esses gestos expressivos acontecerão por uma musicalidade própria, provocada por ritmos espontâneos corporais de quem a estiver executando de acordo com os ensinamentos culturais.

A cultura popular e as danças que dela fazem parte não são estáticas, mortas. Ao contrário, são dinâmicas, relacionam passado, presente e futuro. Faz-se necessário em análise de uma manifestação artística estar atento às transformações do presente. Os conhecimentos acerca da dança se misturam e resultam em novas manifestações populares.

Antônio de Nóbrega percorreu o Brasil, em 1970, estudando as manifestações populares e, em entrevista para o site Cult, relatou que:

Quase todas as danças que visitei naquela época eu posso encontrar ainda hoje. No entanto, o que ainda falta é dedicar uma atenção a elas. Elas ainda não foram

compreendidas, principalmente no campo da dança. Por estarem no universo da cultura popular, ainda sofrem o preconceito de um Brasil que considera cultura popular como uma cultura menor. (NÓBREGA, Cult. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/05/%E2%80%99Cas-dancas-populares-sofrem-o-preconceito-de-um-brasil-que-as-considera-uma-cultura-menor%E2%80%99D/>>).

Em outra entrevista concedida a Antônio Abujamra, Antônio Nóbrega fala do conceito da cultura popular. Ele afirma que os conceitos Folclore e a Cultura popular não são os mesmos e que também durante quatro séculos o que nos restaram foram heranças africanas, índias e ibéricas. Com a miscigenação, nesses quatro séculos, foram se gestando as expressões, a dinâmica da cultura popular. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=so4SMv5s9Iw>>.

Neste capítulo mostrei, ainda que minimante, autores que ajudam a pensar a dança caboclinho e também a linguagem artística da dança. Vimos que a dança pode ser uma ferramenta importante para a sociabilidade, trocas geracionais, para o aumento dos conhecimentos sobre o próprio corpo e conhecimento das técnicas corporais. Ela expressa os valores, as percepções, os aprendizados da cultura onde é vivenciada.

A dança de caboclinho também é uma ótima atividade para se exercitar e queimar calorias de um jeito diferente e divertido. Além dos benefícios estéticos, a dança proporciona doses de relaxamento e diversão. Por envolver música associada ao movimento e expressão corporal, a dança traz ao praticante a sensação de liberdade e vivências diferentes com o corpo.

Nas atividades lúdicas, a dança proporciona benefícios de valores cultural-artísticos, e contribui nas ações particulares e coletivas em que está inserida. Essas afirmações são relativas à dança de maneira geral. Percebi que a dança de caboclinho proporciona em seus brincantes esses benefícios mencionados.

Os caminhos da dança caboclinho foram diversos. Apresentei algumas considerações para contextualizá-la no país. Nas páginas seguintes, focarei no Grupo de Dança Caboclinho de Penha do Cassiano, Distrito de Governador Valadares, Minas Gerais.

Antes disso gostaria de ressaltar que seria interessante a realização de oficinas desta dança nas escolas por todos os motivos mencionados. É uma forma de desenvolver na criança a capacidade do movimento e levá-la a entender o funcionamento do corpo. As crianças se movimentam nas ações do cotidiano: correm, pulam, giram, sobem em objetos. Essas são algumas dinâmicas que estão ligadas ao movimento do corpo e podem ser classificadas como manifestação coletiva; assim se trabalhará a improvisação e a criação, a exploração do espaço,

o contato com os colegas, desenvolvendo a comunicação através dos gestos e movimentos. Não só a prática da dança seria um exercício interessante para escola, mas próprio conhecimento sobre sua história também. Oficinas específicas poderiam ser pensadas para os diferentes públicos de diferentes idades e segmentos sociais

## **1.2. A dança de caboclinho em Governador Valadares e a trajetória da dança do Grupo de Dança de Penha do Cassiano.**

Como sinalizei anteriormente, em Governador Valadares encontrei poucos grupos de cultura popular e quando vi o Grupo de Dança de Caboclinho de Penha do Cassiano, fiquei interessada no mesmo. As vestimentas, os instrumentos e a forma de dançar chamaram-me à atenção. Procurarei descrever tudo isso para o leitor e interpretar os sentidos e os significados que são atribuídos a esses elementos pelos próprios brincantes. Mostrarei neste tópico como as pessoas vivenciam essa dança, qual o lugar da mesma na vida delas, o que as motivam.

O mais impressionante é a desenvoltura dos intérpretes entre a teatralidade, a dança e a música executada ao vivo. Instrumentos de percussão e sopro são entremeados ao vocabulário corporal.

A dança de caboclinho surgiu em nossa região através do Grupo de Dança de Caboclinho da Zona Rural do Distrito de Penha do Cassiano, Governador Valadares, Minas Gerais. Os brincantes da dança caboclinho apresentam em suas narrativas o desejo de que as histórias, crenças, valores e costumes que fazem parte desse bailado sejam valorizados.

Para compreender melhor a história da dança nessa região conversei com integrantes do grupo que são extremamente dedicados à prática da dança. É o caso de José Daniel da Silva, 56 anos, produtor rural, nascido e criado no Distrito de Penha do Cassiano, que brinca nas danças desde os 14 anos de idade, aprendeu-a com os pais, e hoje, é o coordenador do Grupo de Dança de Caboclinho de Penha do Cassiano. É ele o responsável para marcar os ensaios, agrupar os integrantes do grupo. Sobre a história da dança na região relatou:

A dança é muito antiga na verdade o povo gostava de dançar o batuque, eles apresentavam em qualquer lugar, mas quem via achava que a dança era coisa de macumbeiro, pembeiro, e então o pessoal desistiu de dançar, brincar, porque onde iam ficava todo mundo criticando. As pessoas que via a dança era de um habitat diferente e não entendia o que estava sendo mostrado e os homens não quiseram mais apresentar, então os homens não queiram mais brincar foi aí que um mestre que tinha na comunidade então convidou o pessoal pra dançar caboclinho, então o povo foi dançar o que eles queriam é participar; só que foi morrendo os mais velhos e a gente não tinha muito conhecimento da dança. Mas apareceu o Elizeu dizendo que iria fazer um encontro de dança na Penha e que era pra nós montar o grupo que

dançava só que a gente não sabia nada sobre a dança. Então nós fomos lá pro Serro (Cidade do Serro fica na região central do estado), foi eu, o Elizeu e o outro rapaz que trabalhava na secretaria, Rogério.” (Daniel, coordenador do grupo).

As falas e histórias que ouvi na pesquisa de campo relatam que os conhecimentos indígenas, na dança de caboclinho, se mesclaram de maneira singular a conhecimentos trazidos pelos portugueses, como certos instrumentos musicais (viola e pandeiro), e a própria língua portuguesa e elementos de suas poéticas. Veja o que diz Daniel sobre a história da dança na região. Muitos dos brincantes e mestres repetem relato parecido:

Nosso grupo de dança de caboclinho surgiu depois que visitamos a cidade do Serro, então, o que nós descobrimos é que vem descendo do Serro e a cidade de Virgolândia de Minas, Santa Efigênia de Minas, Guanhães, Sabinópolis também tinha grupo de dança de caboclinho, de marujada, mas não estavam fazendo muita coisa porque os mestres foram morrendo e povo cheio de modernidade não quer fazer nada mais não. Aí, quando nós chegando no Serro encontramos o grupo de dança de caboclinho. Nossa, mas foi muito bom, uma roupas muito bonito tudo enfeitado com penas. Quando nós chegamos aqui o Elizeu arrumou o dinheiro e comprou as penas de avestruz; umas penas grandes e nós tingimos pra ficar colorido foi quando nós fizemos nosso primeiro uniforme aquele que você viu, e que os mestres usam até hoje. (Daniel, coordenador do grupo).

Diversos estudiosos comungam com a crença de que a origem dos caboclinhos está diretamente ligada aos autos jesuíticos<sup>12</sup>. Para tal, a maioria dos que escreveram sobre o folguedo cita o padre Fernão Cardim, que em 1584 relata a existência de uma dança realizada por crianças indígenas em homenagem a um padre visitante.

De acordo com Geraldo Gregório de Souza/Mestre, 59 anos, a dança de caboclinho é uma variedade de culturas, como caboclinho, congado. A história da dança na região é permeada com a história da sociabilidade local. Ele afirma que essa folia, para eles, é de extrema importância do ponto de vista das raízes culturais.

Eu fiquei muito satisfeito de fazer parte deste grupo, porque a gente que trabalha com a terra não tem muito que fazer aqui na roça, então quando é pra nós ensaiar e apresentar, é uma alegria muito grande, é um momento de muito prazer, porque a gente encontra os colegas, a meninada fica em volta querendo pegar nas roupas que a gente está usando, quer tocar os instrumentos, é uma festa só. Antes eu brincava com os amigos de São Geraldo da Piedade. O sogro da minha dona ensinou nós, e aprendemos alguma coisinha e vamos ensinando pros outros. Eu até recebi uma medalha de honra de ser mestre do grupo de caboclinho, mas o importante mesmo é nós passarmos pra frente isto aqui. Na minha casa são 13 filhos. Meus meninos quando era novo aprendia, mas depois foi tudo embora porque foi estudar, trabalhar, mas eu continuo aqui com o que restou agora. Os netos é que quer aprender e isto é muito bom. (Geraldo Gregório de Souza, 59 anos).

<sup>12</sup> Roger Bastide afirma que (...) entre essas corporações algumas continuam as danças que os jesuítas tinham inventado para melhor catequizar os índios, danças dos Caiapós, danças dos Tupinambás. (BASTIDE, 1959).

Para Isabel Narcísia Campos, 61 anos, aposentada e dona de casa, a música e a dança é um remédio; é onde ela pode se distrair. Ela afirma que

A dança faz bem demais, quando a gente dança fica tudo melhor. Aqui na Penha a dança de caboclinho é o mais importante que tem aqui, tem outras festas, mas a dança é diferente; uma das coisas mais animada aqui é o grupo de caboclinho, onde a gente dança. Antes tinha outros grupos, mas não deu pra frente. Quando a gente marca os ensaios fico muito feliz, pois só assim que a gente consegue marcar tudo no tempo, porque quando não é assim, ensaiado fica de qualquer jeito. É uma alegria só quando a gente apresenta. Aqui o lugar é pequeno. Tem uns que não gosta, acha feio a dança, mas pra quem gosta... E quando tem gente de fora as pessoas gostam muito. Acho que a dança de caboclo, batuque, de qualquer jeito faz muito bem para as pessoas que participam. (Isabel Narcísia Campos, 61 anos).

Para entender a dança de caboclinho na região estudada foi preciso ouvir atentamente as narrativas dos brincantes. A história da dança se confunde com suas próprias histórias de vida.

Para Juventino Pacheco da Silva, mais conhecido por Tinico, 73 anos, lavrador, a dança caboclinho é muito importante para os moradores da Penha do Cassiano e da região, dança que veio do antepassado. Ele diz que:

A gente não tem estudo não, mas a gente sabe que a dança de caboclo tem uma importância muito grande. Os antepassados, meu pai, tios, vieram de vários lugares, por que aqui já passou gente de todo jeito... eu nasci aqui, já ouvi muito história sobre as danças da região, mas o que nós sabe é que a dança de caboclinho tem semelhanças com os índios, por causa das flechas. Eu gosto muito de dançar porque faz bem pra todos, quando a gente vê pessoas que não é da comunidade vendo nossa apresentação eu fico muito satisfeito e me sinto muito importante. Quero dançar caboclo até quando eu agüentar. (Juventino Pacheco da Silva, mais conhecido por Tinico, 73 anos).

A progressão à arte dos povos não foi aleatória e está influenciada pelas questões sociais, políticas, culturais, econômicas e estéticas. A arte, portanto, não surge do nada, é uma necessidade latente do homem para exprimir sentimentos, pensamentos e realidades. A arte é construída e promovida pelos homens e mulheres, o corpo sábio é um corpo aprendiz, é diverso e acomoda as experiências da vida.

### **1.3. A brincadeira, o bailado.**



O bailado no grupo estudado começa da seguinte forma: o mestre<sup>13</sup> utiliza uma flecha idêntica a dos caboclos e um apito para possibilitar a comunicação entre o grupo, pede silêncio e todos se posicionam. O grupo é formado por duas filas, uma ao lado da outra; na fila vão se posicionando as crianças; o mestre fica à frente entre as filas. Quando o mestre chama para começar, todos estão prontos, então, partem os instrumentos. A sanfona é a primeira; é ela que puxa a música que é acompanhada do reco-reco e em seguida todos os instrumentos, caixa, pandeiro e flechas; e para finalizar, o som do berrante. O mestre chama a atenção do público dizendo “caboclinho chegou” nesse momento as flechas têm que bater juntos.

O mestre emite um silvo e os tocadores começam a tocar, em seguida começam as manobras; o mestre inicia os movimentos da primeira manobra; ele se coloca à frente do cordão do lado esquerdo, enquanto o auxiliar (a pessoa que fica a frente do cordão), fica na frente do cordão direito. O mestre, de frente para os tocadores, que estão na outra extremidade da rua, hasteia a sua flecha com a mão direita, enquanto que o seu colega faz o mesmo com a mão esquerda, encostando as pontas das flechas de um e de outro. O gesto é repetido pelos dois cordões. Neste movimento inicial apresenta os caboclos e caboclas, lado a lado, hasteando as suas flechas, cada um encostando a ponta da sua flecha na ponta da flecha do seu par lateral. A esse movimento dá-se o nome de manobra. Os dois cordões tomam um formato simétrico (parecido com túnel de uma quadrilha junina) e, guiado pelo mestre e o seu auxiliar, começam a se movimentar de uma extremidade para a outra; quando o par da frente chega até o limite estabelecido (próximo ao local onde estão os tocadores), eles fazem “meia-volta” pelo lado externo, o cordão da direita retorna pelo lado direito e o da esquerda pelo lado esquerdo; em seguida, dirigem-se para a extremidade na qual iniciaram, voltando à posição inicial. O mestre puxa uma nova manobra. As manobras vão se sucedendo uma após outra, não tem um tempo determinado para duração dessas manobras.

As apresentações são feitas na zona rural em diversas comunidades, zona urbana de nossa cidade e também em outros municípios, acompanhei uma das apresentações e pude perceber o grau de dificuldade do grupo para o deslocamento. Sempre dependem de ajuda, pois, os mesmos não têm condução própria. Mas os integrantes entram no ônibus sempre sorridentes, cumprimentando a todos fazendo brincadeiras e denotando grande felicidade.

---

<sup>13</sup> “O status de mestre aproxima-se da noção atribuída aos mestres artesãos medievais. Assim como aqueles, os mestres de coco também recebem o conhecimento na condição de aprendizes, até que chegue o momento em que são “promovidos” à condição de Mestre. Disponível em: <<http://ninnoamorim.blogspot.com.br/2007/10/brincadeira-do-coco-no-cear-um-estudo.html>>.

No Encontro de Folclore da Penha do Cassiano, observei com muita atenção os movimentos da dança. Notei passos diferentes no decorrer da dança. Havia passos frenéticos e os pulinhos de acordo com os passos, em alguns momentos passos agachados lembrando os movimentos de combate e em outros momentos, as mulheres e os homens dançavam como se ciscassem o chão com os pés.

De maneira geral, evoluem com agilidade, agacham-se, levantam-se e rodopiam nas pontas dos pés e calcanhares, em três momentos específicos: guerra, baião, determinados pela mudança do ritmo. A dança é forte e rápida, exigindo destreza, desenvoltura dos participantes e muita resistência física.

Havia também o momento em que abaixavam os ombros e tomavam a posição de ataque, o rodopio do corpo e a evolução dos passos no frenético caminhar acompanhado pela música ritmada da caixa, o berrante e os estalar das flechas. O arco e flecha de madeira faziam um barulho como que lembram um estalo, e a forma como tocavam o reco-reco lembrava um alto estampido.

Outro fato que chama a atenção nas apresentações do grupo é a presença de crianças. Elas se divertiam com o arco e a flecha. Percebi a participação de crianças no grupo durante o ensaio e elas têm o maior interesse em brincar com os mais velhos, tocam instrumentos que aprenderam com os mestres, se vestem com os uniformes iguais aos dos homens e mulheres mais velhos que são brincantes do grupo de dança de caboclinho. Os olhos das crianças brilham no momento que estão se vestindo e querem logo tocar os instrumentos, o que não é diferente entre os adultos. Neste momento o figurino, a música e a dança se misturam. Naquele momento da apresentação além de serem trabalhadores rurais, donas de casa, comerciantes e aposentados são dançarinos-atores, brincantes. As mulheres se maquilam e se enfeitam com batom, se vestem com a farda (nome que é dado ao figurino), e todos pegam seus instrumentos para brincar o bailar. Diante disso, continuei minha investigação em relação à presença de algumas crianças no grupo. Daniel explicou a participação das crianças no grupo:

Nós criamos um grupo de crianças. Os mestres iam ensaiar, levavam os instrumentos pra eles tocar, ensinou pros meninos e formou um grupo até bom. Só que eles foram crescendo e ficaram com vergonha de apresentar. Você viu lá, a escola tem que participar, incentivar. Aquela vez que você foi lá, teve a participação da escola. Os meninos participou, os mestres ensinou a confeccionar as roupas a tocar os instrumentos depois daquilo ali ninguém mais quer nada, só uns pequenos que são netos ou filhos de alguém que interessa de participar. (Daniel, 56 anos).

Na participação da criança a dança caboclinho vai dando sua continuidade e se reinventando, a valorização dos elementos culturais demanda tempo para ser consolidado, o que só é possível através da sua valorização através de um processo que começa no ensino básico. É preciso que se desenvolva todo um processo explicativo, contínuo sobre sua importância no tempo e no espaço. Assim, se tornaria mais fácil para a população compreender, participar, preservar e valorizar suas próprias histórias.

A transmissão da brincadeira implica necessariamente na transmissão de suas regras. Na dança caboclinho, assim como em outros folguedos da cultura popular, essa transmissão não se dá de maneira formal, mas na convivência comunitária do próprio fazer da brincadeira.

#### **1.4. A Farda**

O figurino é um dos elementos importantes para um espetáculo. Seja no teatro ou na dança considera-se como figurino tudo que o ator leva em cima de si. Temos, então, na dança de caboclinho as roupas e os acessórios.

O figurino é mais que uma simples veste, mais que uma roupa, pois ele possui uma carga, um depoimento, uma lista de mensagens implícitas visíveis e subliminares sobre todo o panorama do espetáculo e possui funções específicas dentro do contexto e perante o público.

Os brincantes da dança caboclinho do grupo estudado se vestem de roupas que são compostas por saiotes enfeitados com penas coloridas, fitas coloridas, miçangas, lantejoulas, espelhos e purpurina. Além desse saiote também usam um avental que é enfeitado da mesma forma do saiote. Enfeitam-se com um cocar (na região, o grupo dá o nome de capacete; é uma espécie de coroa de papelão revestida com tecido enfeitada com penas, fitas e brilho); as mulheres e crianças se vestem da mesma farda. A farda é igual para todos; tanto os homens, mulheres e crianças se vestem da mesma farda.

Neste processo não existe um figurinista. As fardas são minuciosamente feitos por eles. Eles atribuem grande valor à vestimenta. Acreditam que a farda identifica seus personagens no momento da dança.

O processo de definição de um figurino para um personagem é fundamental para identificação, pois é o figurino que dá vida ao personagem, e necessário verificar acessórios e adereços para esta identificação.

O figurino, por sua vez, deve ser considerado como uma variedade particular do objeto cênico. Pois se ele tem uma função específica, a de contribuir para a elaboração do personagem pelo ator, constitui também um conjunto de formas e cores que intervêm no espaço do espetáculo, e devem portanto integrar-se nele. (ROUBINE, 1998, p.146).

Perguntei a dona Isabel se ela dançaria com qualquer roupa, e ela disse que sim. Continuou dizendo que:

Eu danço com qualquer roupa, porque a gente gosta mesmo é de brincar, mas quando tem uma roupa nova, nossa é muito melhor, a gente fica mais satisfeito. Quanto mais brilho, mais bonito fica. A gente até anima a dançar mais. Quando a roupa é igual aos enfeites, até dá mais prazer de dançar. (Isabel Narcísia Campos, 61 anos).

Já o Senhor Neném me relatou a dificuldade que tem nas vestimentas, pelo fato de alguns homens não usarem a mesma cor de roupa, o que ele relata ser importante.

A gente se for usar, brincar, se tiver brincando, eu sempre falo com eles, os homens do grupo, se tiver de calça azul tem que ser calça tudo azul, camisa branca e eles sai pra brincar de calça de outra cor, mas pra brincar assim o uniforme tem que ser completo; se for calça roxa, calça roxa, mas nós brinca tudo adoidado, mas o certo era ser um short mesmo todos iguais, igual eu vejo passar aqui na televisão; eu vejo passar no Goiás, eles vão a cavalo. Até o animal é enfeitado também, tem também aqui pro lado do Pernambuco também, e é muito bonito. (Senhor Neném, 67 anos).

Quando chegam ao local de apresentação trocam suas roupas. Na verdade o que pude perceber é que eles usam a farda, assim como é chamado por eles, em cima da própria roupa. Perguntei ao Daniel o porquê disso, e sua narrativa foi:

Sabe o que acontece? Os homens têm vergonha de vestir só aquelas roupas, porque senão eles vão ficar pelado (risos); imagina só, o saiote e o avental; é por isso que eles vestem por cima da roupa que tá usando. Mas o pessoal de Virgolândia não, eles pegam as folhas de coco e faz a roupa ali mesmo e veste. Eu não tenho coragem não de ficar só de cuecas com folha de coco (muitos risos), os homens, as mulheres. (Daniel, 56 anos).

Os figurinos, como se vê, exercem um lugar fundamental na vivência da dança. A farda é um elemento que ajuda o brincante a mergulhar no universo da dança caboclinho. Torna-se também uma ponte de comunicação na qual passam os valores expressos nesse bailar. Observa-se que a dança tem uma intensidade de movimentos e a farda tem que possibilitar o conforto, segurança e beleza. É fundamental que aconteça o conforto na

utilização da farda e adereços ao brincante da dança caboclinho para que a apresentação seja contagiante.

### 1.5. Instrumentos e Musicalidade

Os instrumentos utilizados pelo Grupo de Dança de Caboclinho do Distrito de Penha do Cassiano são confeccionados pelos próprios integrantes do grupo. As caixas que são feitas de tronco de madeira são esculpidas até ficar um tronco oco. Em um lado do tronco coloca-se uma tampa de pele de carneiro, ou mesmo de boi; as flechas são feitas de madeira de lei, afirma Daniel, 56 anos; e o reco-reco em bambu, feito pelo mestre José Candido, o Senhor Neném.

O mestre José Cândido Dias, 67 anos, mais conhecido como Senhor Neném, nos recebeu com muito entusiasmo. Ele fabrica e toca seu instrumento que é conhecido como reco-reco. Sua maior diversão é brincar o caboclo com o grupo. Ao me receber, foi logo pegando o instrumento e fazendo sua demonstração. Ele conta:

Este final aqui é o que comanda as flechas tudo. Isto aqui eu tô brincando lá. Este aqui é o primeiro, o mestre que fica no apito; o segundo, o cara com a sanfona e o terceiro, o mestre que fica com o reco-reco; o que traz a caixa fica atrás de mim e do outro lado fica o outro caixeiro, o outro reco-reco e o pandeiro. Então aqui cê tá batendo (toca o instrumento um roçar de peça na outra); e no final as flechas bate, e se tiver flecha errada, eu tenho que corrigir. Outra coisa também, tem uns que fica atendo as flechas fora do brinquedo e não pode. Não pode bater flecha fora do brinquedo não, porque fica ruim. Tem que ter a sequência. Qualquer coisa que tá fazendo tem que ser bem feito, qualquer coisa que tá fazendo cê tem que fazer bem feito. (Neném, 67 anos).

De acordo com o relato do Daniel, o Senhor Neném e os outros mestres têm uma preocupação em repassar seu conhecimento e diante disso aplicam seus conhecimentos em oficinas para alunos da escola no distrito onde moram.

A proposta da oficina é passar para os mais novos como se confeccionam os figurinos e instrumentos; é uma forma de manter viva a manifestação da dança na região.



(OLIVEIRA, Shirley. Fotos das Atividades do Grupo Dança de Caboclinho do Distrito de Penha do Cassiano. Arquivo Pessoal, 2014.) Oficina ministrada pelos mestres do Grupo de Dança de Caboclinho de Penha do Cassiano na Escola Estadual Josefina Carmélia Reis. Primeira e segunda fotos: oficina para aprender os passos da dança e tocar instrumentos. Terceira e quarta fotos: confecção de figurino do grupo.

Acompanhei uma oficina em que os mestres do Grupo de Dança de Caboclinho ministravam uma oficina para alunos da Escola Estadual Josefina Carmélia Reis, no Distrito de Penha do Cassiano. A oficina foi dividida em duas etapas. Para os alunos menores com faixa etária de até 12 anos, foi apresentada a história da dança, com intenção de fortalecer e incentivar a renovação de outros grupos. Para os maiores, a oficina foi de confecção de indumentárias e adereços. Esta foi a forma encontrada pelo grupo de passar para os mais novos os conhecimentos sobre a dança para que os mesmos não se percam no decorrer do tempo.

Dona Isabel disse que gosta muito de inventar as músicas que não tem hora, o importante é estar cantando e dançando. Ela afirma:

As cantigas são criadas nos encontros, em casa, não importa onde, mas eu gosto muito de cantar principalmente na beira do fogão. Quando estou na cozinha é que eu solto a voz. Eu não gosto de tristeza, mas de alegria. O que eu gosto mesmo é de repassar o meu conhecimento. Quando eu era mocinha, minha mãe e meu pai não saíam comigo, mas a minha avó sempre cantava, por isso acabei aprendendo as canções. Hoje, ensino elas a cantar, pois nessa idade aparecem muitas doenças, e cantar faz bem para a mente e livra a gente de muitas doenças. Acompanhar o grupo de dança é melhor

ainda. A gente até esquece os compromissos porque é muito divertido. (Isabel Narcísia Campos, 61 anos).

As músicas cantadas pelo grupo tratam da religiosidade, do lugar que moram, dos sentimentos, compartilho aqui letra de uma das músicas que o grupo canta no momento de chegada para se apresentar:

Caboclo passa pra lá  
Nós somos bicho do mato  
Na praça não pode entrar.

E no momento da despedida da apresentação:

Minha gente adeus  
Caboclinho lá vai embora  
Minha falta ninguém sente  
Minha ausência ninguém chora.

Para compreender a dança de caboclinho é imprescindível mergulhar nas músicas, entender suas mensagens, ouvir o que elas comunicam à sociedade. A música cantada pelos caboclinhos não apresenta harmonia da mesma forma que a música ocidental apresenta. A melodia na dança de caboclinho vem acompanhada de instrumentos de percussão.

Pode-se notar que a melodia utilizada nos grupos de caboclinho apresenta identidade em diversos grupos. Há temas melódicos recorrentes na tradição. A partir dos quais desenvolvem variações, com freqüentes improvisos e ornamentações.

A identidade de um povo está na cultura na qual está inserida. Podemos incluir nessa identidade os mitos, símbolos, ritos, todas as crenças, o conjunto de conhecimentos e o comportamento. Portanto conhecer e valorizar a cultura é uma auto-afirmação.

Os brincantes da dança de caboclinho movimentam saberes, fazeres e repertórios estéticos, despertando a emoção, o sorriso e o aplauso de crianças, de jovens, adultos e idosos que caminham em Governador Valadares.

## **1.6. Tempos e espaços de apresentação**

No Distrito de Penha do Cassiano acontecem todos os anos o Encontro de Folclore. Em 2014 aconteceu a 13ª edição que é mantido pela Secretaria de Cultura de Governador

Valadares. O Grupo de Dança de Caboclinho de Penha do Cassiano participou de todas as edições. Participam desse encontro alguns grupos que mostram: marujada, cantigas de roda, dança do boi, quadrilhas, baião, entre outras. Os grupos também se apresentam em festas de outras localidades. O Distrito de Penha do Cassiano se agita em torno das manifestações do folclore dos povos do campo com muita música de raiz, arrasta-pé, forró, violeiros, sanfoneiros, grupos folclóricos, capoeira e comidas típicas.

O mês de junho, julho e agosto é escolhido para comemorações das festas tradicionais da região, onde são realizadas procissão, novena, montagem de barraquinhas nas quais são vendidos alimentos e bebidas. O grupo de caboclinho é um dos grupos que mais se envolvem nesses eventos, é nessa data que acontecem as festas em homenagem a Santo Antônio, São João, São Pedro, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito entre outros.

No mês das festas nós somos convidados para dançar, mas não é toda igreja não, só as igrejas que tem esclarecimento do folclore; eles sabem da tradição do caboclo com a religião. Primeiro sai o santo na frente e os caboclos atrás; a procissão vai chamando a atenção de todos, é uma devoção aos santos. Depois entra na igreja, a gente canta, ajoelha faz a homenagem. Depois passa pelo cruzeiro do lado de fora; o cruzeiro fica na saída da igreja. Tem época que a gente faz na data do santo padroeiro; tem vez que não. Às vezes em algum evento cultural, na escola ou onde e quando somos convidados. Uma música que cantamos quando chega na igreja: Senhores dono da casa/Caboclinho está chegando/Nós somos os convidados/Estamos apresentando. (Daniel, 56 anos).

Na região de Governador Valadares acontecem diversos eventos em que o grupo pode se apresentar. Durante o ano há uma média de 15 eventos. Existe mês em que o grupo se apresenta até mais de duas vezes, dependendo das comemorações. Junho, julho e agosto são os meses em que ocorrem mais apresentações. Já se apresentaram nas seguintes localidades que são distritos e municípios próximos de onde moram: Paca, Vinhático, São Geraldo e Virgolândia.

Devido às manifestações culturais na cidade do Serro, especialmente a da dança de caboclinho, representantes da Secretaria de Cultura de Governador Valadares e Daniel, representante do Grupo de Dança do Distrito de Penha do Cassiano, foram buscar no Serro<sup>14</sup>, o conhecimento que faltava para implementar a dança no Distrito de Penha do Cassiano.

Em entrevista com Elizeu Gabriel, 48 anos, gerente de projetos da Secretaria de Cultura de Governador Valadares, perguntei qual o objetivo da Secretaria de Cultura em

---

<sup>14</sup> Ver sobre cidade do Serro em:

<[http://descubraminas.com.br/Turismo/DestinoApresentacao.aspx?cod\\_destino=19](http://descubraminas.com.br/Turismo/DestinoApresentacao.aspx?cod_destino=19)>.



convidar o grupo de dança de caboclinho de Penha do Cassiano através do Daniel, para a visita à cidade do Serro e ele relatou o seguinte:

A secretaria queria incentivar o movimento cultural na cidade, e lá na Penha do Cassiano já acontecia um movimento de dança. Tinha o grupo da dona Belinha que cantava e dançava a cantiga de roda; tinha o grupo de marujada lá de Conceição de Tronqueiras; tinha também o grupo que fazia a dança das baianas lá de Córrego dos Bernados. E a idéia era reunir todos em uma só festa, assim poderiam participar grupos da região. Nós precisávamos movimentar estas pessoas e reunir todos em um só lugar. Foi quando apresentamos o projeto e tivemos a missão de procurar estes grupos para as apresentações. Foi muito difícil localizar todos. Foi feito então um levantamento de onde estavam os grupos e como era a participação deles nas danças. Encontramos o grupo de dança do batuque. As pessoas já eram bem idosas e os trazíamos para cidade para apresentação aqui, distante da zona rural. Queríamos mostrar para toda a população. Resolvemos então fazer uma visita à cidade do Serro, junto ao grupo de Dança de Caboclinho de Penha do Cassiano. (Elizeu Gabriel, 48 anos).

De acordo com informações do site Descubraminas, mantido pelo SENAC de Minas Gerais, a cidade do Serro fica na região do Vale do Jequitinhonha. A cidade revela muitas manifestações culturais. Este local foi uma grande atração no ciclo do ouro. Existem lá algumas igrejas históricas: Matriz de Nossa Senhora da Conceição, igrejas Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Rosário. Além das igrejas, na cidade há um turismo histórico. O Serro tem um roteiro gastronômico; o queijo é o seu principal produto. A cidade é rodeada por montanhas e apresenta uma bela paisagem e as cabeceiras dos rios Jequitinhonha e Doce.



(OLIVEIRA, Shirley. Fotos das Atividades do Grupo Dança de Caboclinho do Distrito de Penha do Cassiano. Arquivo Pessoal, 2014). Foto do X Encontro de Folclore Penha do Cassiano.

### **1.7. Como os integrantes pensam e sentem ao dançar o caboclinho**

Meu objetivo neste momento da pesquisa é entender como os integrantes do Grupo de Dança de Penha do Cassiano pensam e sentem a dança. O relato do Senhor Neném revela que

a dança tem um fator importante na comunidade. Colhi depoimento sobre o que significa para eles a prática dessa dança:

Olha só, aqui nós brinca o caboclinho, porque é uma coisa que nós aprendeu desde de criança. Na verdade não é só o caboclinho, tem o batuque, tem a quadrilha que o povo dança muito aqui, mas o que ficou mais forte pra nós foi o caboclo porque aqui tinha os mestres mais velhos que já se foram, a passou isto pra nós e agora a gente continua, mas eu sei que tem muitas coisa ainda que nós não fazemos na dança, mas o importante é não deixar morrer o que nós sabemos, porque senão morre tudo acaba tudo. (Neném, 67 anos).

Percebi que a dança para muitos integrantes é essência do próprio ato de existir. A dança de caboclinho está tão arraigada às suas vidas que não concebem a própria vida sem a brincadeira da qual participam.

Daniel diz que é um prazer muito grande quando dança o caboclinho.

Menina, eu já tô dançando a caboclinho já faz um tempo, o mais engraçado é que eu passei a animar o povo daqui, e tinha os mais velhos que tinha o conhecimento da dança, mas o povo desanimado, então eu comecei a correr atrás de uma coisa aqui e outra ali, e hoje o grupo tem as fardas. Não é o que agente queria, mas é o que temos. Mas é muito bom quando a gente dança, o corpo fica melhor, nós ficamos mais animado, mais alegre, satisfeito. Eu gostaria de poder dançar até enquanto eu ficar mais velho, mas bem mais velho mesmo, porque a dança é muito divertimento pra nós. (Daniel, 56 anos).

Juventino Pacheco da Silva mais conhecido por Tinico, 73 anos, “se perguntar quem é Juventino ninguém sabe”, foram essas as primeiras palavras de Tinico, quando perguntei sobre a importância da dança no grupo de caboclinho. Ele afirmou o seguinte:

No grupo eu só toco a flecha. Quando eu entrei no grupo, tem pouco tempo, mas pra mim foi a melhor coisa que eu já fiz, porque a única coisa que eu sei fazer é arrancar toco, é trabalhar com a foice e a enxada, e aqui no grupo, eu danço, eu toco flecha, eu vou com o grupo pra tudo quanto é canto; nossa senhora é bom demais, depois que a gente dança na rua ou na igreja, a gente cai no forró. Tem lugar que não tem forró, mas nós vai assim mesmo. Mas o caboclinho é muito importante, eu gosto de dançar até suar a camisa, tem que estar alegre em todas as danças, seja o caboclinho, batuque ou forró. Eu sei que tô dentro; tem que tá movimentando. Eu tenho energia de sobra; tô melhor do que os jovens, porque eles não tá sabendo que tem que aprender a dança para quando nós for eles continuarem. (Juventino Pacheco da Silva, 73 anos).

Através relatos dos entrevistados foi possível perceber o quanto a dança tem valor para suas histórias e sua vida. Diversos relatos que colhi entre os brincantes expressam isso. A dança é integração coordenada de grupo; desenvolve, além disso, força, vigor, flexibilidade, elasticidade, energia e resistência física. E quanto aos valores sociais, dançando juntos, crianças e jovens aprendem a ter consideração uns pelos outros e estabelecem um código de

comportamento social. Fato considerável na comunidade e no desenvolvimento da dança de caboclinho.

### **1.8. Reflexões sobre apresentações**

Por meio das narrativas percebi que existem dificuldades enfrentadas pelos brincantes para a prática da dança caboclinho: a dificuldade para a aquisição dos figurinos e dos instrumentos musicais, e até mesmo fazer a locomoção entre uma comunidade e outra. Na zona rural onde moram todos os brincantes da dança de Caboclinho, a estrada é de terra e quando chove é bem mais difícil realizar a locomoção das pessoas; às vezes o transporte somente é possível a cavalo. Falta também um maior suporte para os brincantes em relação ao apoio para oficinas. As mesmas carecem de divulgação e material para a sua realização. Ao Município compete implementar uma política cultural com a finalidade de aprofundar a consciência da população sobre o patrimônio cultural da comunidade, estimular a produção e o enriquecimento das manifestações culturais e fornecer ajuda financeira para aquisição de vestuário, instrumentos e outros materiais utilizados pelo grupo.

Apesar de todas as dificuldades, da falta de transporte para as apresentações e ensaios, os brincantes não desanimam e continuam firmes, determinados a continuar e repassar seus conhecimentos acerca da dança de caboclinho; o desejo deles é superior a todos os problemas que enfrentam.

As narrativas apontam a importância de proporcionar aos brincantes o atendimento das demandas do grupo. Pode-se assim destacar, que há políticas públicas que apresentam direcionamentos para preservar e propagar a Cultura Popular. Falta incentivo e prioridade de execução para que essas ações sejam realizadas, tornando esse segmento mais difundido na cidade de Governador Valadares.

Outra ação fundamental seria proporcionar à população oficinas gratuitas que possibilitassem a fruição nessa área, viabilizando, assim, a formação e renovação de platéias pertencentes a diferentes segmentos sociais. Desse modo, a ampliação e consolidação dos mecanismos para financiamento à produção (criação, difusão, manutenção, pesquisa, etc.) em cultura popular, com aumento exponencial dos recursos promoveria uma maior propagação da cultura tradicional da cidade para seus habitantes. É um trabalho que promove a apropriação da capacidade de transformação dos participantes com relação a eles mesmos e/ou aos ambientes nos quais estão inseridos.

As oficinas que mencionei contribuem para a vivacidade da dança, da musicalidade, do repertório estético e dos valores plantados e semeados na dança de caboclinho. Aponto também que o estudo da cultura popular na escola e da dança caboclinho poderia ser realizado nas escolas. Por meio desses aprendizados os estudantes poderiam conhecer melhor a realidade cultural da região. A partir do momento que as pessoas tiverem conhecimento acontecerá também a valorização da cultura popular e dança ora estudada.

A dança não tem só as dificuldades, há também as zonas de luz. A sociabilidade, as trocas geracionais, a vitalidade dos brincantes mostram como é bela essa manifestação. A dança ajuda na autoestima das pessoas, as aproxima do universo da arte.

A dança teatral é uma representação artística de fenômenos e acontecimentos sociais, através de toda a produção artística, de bailarinos, de cenografia, de iluminação e direção do espetáculo, vem a acontecer o espetáculo de dança. A dança teatral é executada para grupos de pessoas que não fazem parte do grupo, assim se pode concluir que as danças étnicas apresentam diferenças em relação à dança de cultura popular e a teatral.

E esses versos, esses cantos, esses gestos, essas falas, esses rostos, esses flagrantes aparentemente fugazes instalam-se em nossos trabalhos, estão incrustados muito fundo em cada um dos participantes do grupo de pesquisa. Cada qual carrega, à sua maneira, esses ecos para sempre visto os mesmos são muito fortes e são essenciais à sua vida.

## CAPÍTULO 2

### O PÚBLICO

#### 2.1. Público

Dedico o 2º capítulo ao público. Acompanhei o Grupo de Dança de Caboclinho do Distrito de Penha do Cassiano, por diversas apresentações, na zona rural e zona urbana da cidade de Governador Valadares e tive a oportunidade de fazer minhas entrevistas com o público que assistia às apresentações. Entrevistei Dona Terezinha Mendes Silva de 74 anos, e Marcelo dos Santos de 40 anos. Ela, moradora do Córrego dos Alfredos, representante da zona rural e ele, representante da zona urbana. A entrevista com Marcelo se realizou na Praça da Estação no projeto que acontece todo mês chamado *Estação Cultura* onde o grupo foi convidado a apresentar.

Diferente de outras entrevistas que foram em local próprio para as mesmas, as entrevistas do público foram na praça, onde o público chegava para apreciação do espetáculo que se daria: homens e mulheres de várias idades e crianças que estavam acompanhados dos pais. Observar a reação do público depende de maior atenção, pois são muitas pessoas ao mesmo tempo e deve-se estar atento para perceber movimentos e reações de acordo com a música e outros acontecimentos. As pessoas presentes na praça que assistem às apresentações são todos moradores da zona urbana, que, no cotidiano visitam os eventos da praça para distração do fim de semana já que este evento acontece na última sexta-feira de cada mês.

No momento em que cheguei à praça, ainda era cedo. Minha expectativa era a chegada do grupo que vinha do Distrito de Penha do Cassiano. Entre meio a esta espera, o público chegava para o evento que era oferecido na praça. Na praça foi montado um palco para apresentações musicais. Havia cadeiras e mesas dispostas para apresentação. Também havia diversas barracas com exposição de artesanato local e uma praça de alimentação. As pessoas se serviam do local onde se entretinham com bebida, comida e bate papo enquanto aguardavam o momento da apresentação; muitas se mantinham de pé e outras estavam sentadas.

No instante da apresentação do grupo de dança de caboclinho do Distrito de Penha do Cassiano, o público batia palmas, movimentava os pés, tentando acompanhar o ritmo em que os brincantes exibiam na dança caboclinho. Algumas pessoas continuavam sentadas no espaço da praça de alimentação de onde conseguiam ver a apresentação, mas parte do público que estava de pé e estava mais próxima de onde se dispunha o grupo, podia movimentar

pernas, braços, corpo como um todo. O comportamento do público é diferente, o espectador que está próximo passa a ser espectador-participante que é provocado por tensão emotiva e afetiva e se envolve nos processos rítmicos e visuais da dança de caboclinho.

A proximidade do público e seu envolvimento revela um público da comunidade, pessoas ou grupos que realmente estão interessados naquela representação artística. É fácil identificar este público, e é ele que aumenta a auto-estima e propõe novas expectativas para o grupo que apresenta. Por ser um público específico pode ser comparado ao público do Teatro de formas animadas. Izabela Brochado confirma isso quando comenta sobre o público dos espetáculos de mamulengo:

“O público é composto na sua grande maioria por indivíduos que já assistiram muitos espetáculos de Mamulengo , assim, conhece os diversos elementos (auditivos e visuais) que formam este teatro de bonecos e as convenções referentes às sua participação.” (BROCHADO, 2009, p.281).



(OLIVEIRA, Shirley. Fotos das Atividades do Grupo Dança de Caboclinho do Distrito de Penha do Cassiano. Arquivo Pessoal, 2014.) Praça da Estação Governador Valadares. Grupo de Dança de Caboclinho Penha do Cassiano - Apresentação do evento Estação Cultura.

Resolvi entrevistar algumas pessoas que estavam assistindo às apresentações. Entre elas, observei Marcelo que se movimentava de acordo com a música, seu corpo se movia de forma inconsciente ao ritmo musical do Grupo de Dança de Caboclinho. Pedi permissão e comecei minha entrevista, perguntando o que o trouxe a praça. E ele disse que: “Fiquei sabendo o grupo da Penha do Cassiano iria apresentar, então vim assistir, porque eu gosto muito, e sempre quando tem apresentação deste grupo ou de outro eu faço questão de vir prestigiar.” (Marcelo, 40 anos).

Continuei questionando a ele sobre a importância dessa dança e de outras da cultura popular e ele respondeu o seguinte:

Olha só! O que eu vejo é que existe um tipo de preconceito das pessoas em relação a esta manifestação folclórica; é tudo muito bonito, e tem gente que não gosta, critica não valoriza, eu não sei como, mas tinha que ter uma forma de colocar talvez na escola para que desde novinho os alunos tivessem conhecimento sobre essas danças. Eu falo isto porque quando fiz minha faculdade, eu consegui ver no meu curso pouca coisa sobre esse formato cultural, e acho que não há uma valorização geral: as pessoas preferem ouvir outras músicas, fazer outra coisa do que vir até a praça e ver. Como é bonito as danças! E tem mais uma coisa, é de graça. (Marcelo, 40 anos).

O ensino e aprendizagem da dança pode ser utilizado por qualquer professor, ou seja, professores sem formação específica na área de dança. A criança, muitas vezes, usa os movimentos espontaneamente, variando seus gestos e dinâmicas para expressar seus sentimentos e idéias.

A ação física é parte da aprendizagem da criança. Essa atividade, necessária para o seu desenvolvimento, é permeada pela curiosidade e pelo desejo de conhecimento. Por isso é importante que a dança seja desenvolvida na escola com espírito de investigação, para que a criança tome consciência da função dinâmica do corpo, do gesto e do movimento como uma manifestação pessoal e cultural. (PCN-PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p.68).

Marcelo mencionou os tipos de eventos culturais dos quais ele participava, dizendo “Bom, eu vou muito ao cinema, gosto de teatro, procuro sempre prestigiar os acontecimentos que tem aqui na cidade, mas também gosto de ver minha televisão, depende do dia, do clima, do que está acontecendo na cidade.” (Marcelo, 40 anos).

Neste momento percebi que ele estava querendo parar a entrevista. Ele disse que iria dançar com o grupo, pois o público já tinha sido convidado a participar. Ele me pediu licença e entrou na dança. Ele dançou por quase 15 minutos e percebi o corpo se movimentando; parecia até um integrante, pois sabia os passos da dança e até tocou um instrumento, a flecha. Quando tudo terminou pedi a ele que me falasse sobre o que sentia depois da dança. E ele disse: “Ahhh, meu coração tá saindo pela boca, é muito bom dançar, soltar o corpo, rodar, pular. É realmente divertido e fascinante. Acho que daqui a algum tempo vou procurar este grupo para poder participar porque é muito bom, estou muito suado, precisando de água.” (Marcelo, 40 anos).

Então me despedi, agradei pela entrevista, e consegui perceber a energia que ele liberava: os olhos brilhando, o corpo em uma tremenda euforia, e que mesmo sem ensaio ele pôde ser um brincante naquele momento.

Devemos pensar que as apresentações de cultura popular geralmente são feitas nas ruas, praças ou outros espaços alternativos e não há um público pagante para esses eventos. O teatro também pode ser pensado em algo popular pois, pode ser apresentado em espaços

alternativos e também podem ser gratuitos. Consigo perceber que, mesmo sendo uma apresentação gratuita, há pouca visibilidade porque o público presente nestes eventos é pequeno, somente as pessoas que realmente gostam dessas danças comparecem às apresentações.

Meu entrevistado Marcelo Santos, 40 anos, em entrevista concedida, acredita que deveria haver maior valorização da cultura popular, que as escolas poderiam ter uma postura receptiva dessa cultura e que a mesma deveria ser transmitida aos alunos nos anos iniciais do ensino regular.

Na procissão ocorrida no Córrego dos Alfredos, encontrei Dona Terezinha Mendes Silva, 74 anos. Ela acompanhava a procissão com passos curtos e lentos com um lenço na mão, hora limpava o suor do rosto, outra hora enxugava as mãos, seguia a cantoria, cumprimentava uma e outra pessoa que passava por ela. Era uma senhora com os traços cansados pelo tempo. Segui acompanhando os passos dela; ela me olhou e sorriu dizendo: “Você não é daqui não, né, menina”? (Terezinha Mendes Silva, 74 anos). Balancei a cabeça confirmando a fala dela. E perguntei em seguida “A senhora conhece esse Grupo de Dança de Caboclinho de Penha do Cassiano?”

Ela respondeu, dizendo:

Conheço sim, ohhhhh, mas já faz tempo. Aonde eles vão, eu também vou. É uma dança muito bonita, mais bonito ainda é os pequeninhos que tá brincando mais eles. Veja lá! Aquele é meu netinho. Eu quero que ele aprenda as brincadeira porque os homens velhos tá morrendo tudo, e tem que passar isto pros pequenos pra poder continuar depois. (Terezinha Mendes, 74 anos).

Dona Terezinha diz ser importante a continuidade da dança de caboclinho:

Oh, minha filha não é só a dança de caboclo não, é tudo, é a folia de reis, a marujada, a quadrilha, a gente só vê as quadrilha na festa junina das escolas, não vê mais o povo brincar. Lá no Conceição dos Tronqueiras (Município da região vale do Rio Doce), não tem mais ninguém brincando. Os homens que brincava ficou velho e não agüenta mais. Aqui perto nós só tem o caboclo e as meninas da roda lá do Córrego dos Prazeres (Distrito de Governador Valadares). Quando as meninas vai ensaiar e tem carro, eu vou pra brincar com elas. Ninguém gosta mais de brincar como era antes; o povo tá muito mudado, só que saber de ficar nos bar. Esses meninos agora gosta de uma música barulhenta que a gente não entende nada. É por isso que fico satisfeita de ver meu netinho aí, ele quis do gosto dele, meus filhos foi tudo estudar e morar fora. (Terezinha Mendes, 74 anos).

Nesse momento as pessoas começaram a entrar para a igreja ela me convidou. Eu informei que iria em seguida. Continuei a fotografar as pessoas que entravam na igreja. Percebo que as pessoas mais velhas têm a necessidade de deixar para os mais novos, o



conhecimento adquirido. Laraia afirmou exatamente isso ao dizer “Se oferecêssemos aos homens escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são os melhores do que todos os outros”. (LARAIA, 2006).



(OLIVEIRA, Shirley. Fotos das Atividades do Grupo Dança de Caboclinho do Distrito de Penha do Cassiano. Arquivo Pessoal, 2014) Momento da procissão a Nossa Senhora de Fátima. Córrego dos Alfredos, Distrito de Governador Valadares.

Percebi neste estudo do público que é preciso o fomento de políticas públicas para que se promova a democratização do acesso das pessoas do grupo aos locais de apresentação dos espetáculos e a informação da população sobre a existência dessa manifestação de cultura popular em nosso município, estimulando o público a participar e vivenciar a mesma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa é importante lembrar que a etapa inicial era estudar as pessoas, moradoras no Distrito de Penha do Cassiano, região da cidade de Governador Valadares, interior do estado de Minas Gerais, que apresentam realidades sociais, econômicas e culturais muito diversas e as suas vivências na prática da dança de caboclinho, compreender as subjetividades, as implicações físicas e emocionais relativas às suas experiências nesse bailar e revelar o que isso demonstra sobre a cultura em que estão inseridas.

Utilizei a pesquisa qualitativa e entrevistas com moradores do Distrito de Penha do Cassiano e integrantes do grupo, além de outras pessoas ligadas a esta manifestação popular. Analisei as informações do material colhido com as informações do material teórico utilizadas neste estudo.

Diante do que foi apresentado e dos resultados aqui expostos, esse trabalho servirá como alicerce para a abertura de novas possibilidades de realizações a partir da dança de Caboclinhos da cidade de Governador Valadares.

O Grupo de Dança de Caboclinho do Distrito de Penha do Cassiano está inserido como muitos outros grupos na cultura popular. Essa forma de manifestação artística acontece em vários lugares do País, porém cada grupo revela características próprias em sua apresentação.

Segundo informação dos brincantes, o grupo possui 14 anos, antes desse grupo outros moradores já brincaram o caboclinho e muitos não tinham conhecimento por isso a necessidade de irem buscar na cidade do Serro informações sobre o figurino e características da dança. Sendo assim, muitas mudanças ocorreram no decorrer dos anos apresentando elementos ou versões de inovações em seu contexto. Houve mudanças na atuação, na indumentária, nas ações, no espaço, no repertório de coreografias, na música e na performance de alguns brincantes.

Na caminhada para alcançar o espetáculo da dança caboclinho, descobri o respeito e a existência de uma hierarquia que é vivida por gerações e desenvolvidas numa série de práticas que compõem as atividades tradicionais, com formas de expressões espetaculares dos povos que são fruto de uma elaboração de memórias coletivas e atos ponderados e repetidos que seguem regras estabelecidas.

Como tive oportunidade de demonstrar, no Brasil, há diversas formas de manifestação da cultura popular; o grupo dança de caboclinho e muitos outros são atuantes, mas é preciso

que as pessoas vejam a cultura desse grupo e que ela passe a ser visível para a população e para os órgãos públicos.

Mostrei como se manifesta a dança na região de Governador Valadares e como ela tem representação em Minas Gerais e no Brasil e que as pessoas da zona rural se utilizam de uma cultura que é bela aos olhos de alguns e sem valor aos olhos de muitos outros.

Faz-se necessário que as pessoas percebam a manifestação cultural existente em nossa cidade, e, apesar de a maioria das pessoas morarem na zona urbana, as mesmas possam reconhecer e valorizar as diversas manifestações que ainda permanecem no Distrito de Penha do Cassiano.

Além de ter tido a permissão para desenvolver este tema, também consegui aperfeiçoar minhas competências de investigação sobre a dança de caboclinho, e dessa forma a região de Governador Valadares, que fica no Vale do Rio Doce no Estado de Minas Gerais, poderá mostrar a todos que vivencia a cultura popular e que ela está presente no coração e nos sentimentos de todos os integrantes do grupo.

As análises e as observações foram centradas na composição de definição da indumentária, na atuação dos personagens, na teatralidade dos movimentos e gestos, na musicalidade, no conhecimento da dança, na linguagem utilizada, na participação do público e nos discursos obtidos em entrevistas que revelam os sentidos desse conjunto de significados que dão vida à dramaturgia existente na dança de Caboclinhos.

Este trabalho foi muito importante para meu conhecimento porque consegui desenvolver-me mais profissional e cientificamente. Durante esse processo adquiri mais conhecimentos sobre a cultura popular de Governador Valadares e região.

Espero que este estudo seja fonte de dados para a formação acadêmica de pessoas interessadas em cultura popular, apesar de reconhecer as limitações do trabalho desenvolvido.

Ao final deste trabalho fica evidenciado que os objetivos foram alcançados, pois foi identificado como a dança de caboclinho está presente no Distrito de Penha do Cassiano e consequentemente em Governador Valadares. Os resultados desse estudo apontam para a necessidade de fortalecimento da memória cultural de minha cidade e da região.

É incrível poder sentir, por meio do contato com as pessoas estudadas, o quanto o caboclinho possui uma importância nas relações sociais. Além de divertimento, a prática faz parte de sua produção simbólica. Desse ponto de vista, a arte apresenta-se como um exercício intuitivo de perceber o mundo, sobretudo, pertencer a ele e dar sentido à própria existência. E para mim essa percepção fez com que a cultura popular tivesse um significado prático, que vi acontecer à minha frente.

A manifestação popular sempre foi utilizada com objeto de pesquisa. Para a preservação dessa manifestação artística popular é preciso de: apoio público e financeiro para a continuação das apresentações e sobrevivência do grupo, divulgação do trabalho realizado por esse grupo e de todos os que se dedicam a danças brasileiras, políticas públicas efetivas que garantam a continuidade e preservem o patrimônio conferindo ao mesmo caráter público, em sentido específico, por admitir a participação igual de todos, e que a dança de caboclinho passe a ter um título a partir disso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas Do Brasil**. 2. Ed. Belo horizonte: Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro - Fundação Nacional Pró-Memória, 1982. Edição organizada por Oneida Alvarenga. (Obras completas de Mário de Andrade; 18).

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense S.A, 1985, p. 8.

BASTIDE, Roger. **Sociologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Anhambi S.A, 1959.

BENEFÍCIOS da dança. Disponível em <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0046.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

BERTONI, Iris Gomes. **A dança e a evolução, ballet e seu contexto teórico, programação didática**. São Paulo: Tanz do Brasil, 1992.

BOI de janeiro. Disponível em <<http://territoriodobrincar.com.br/olhares-brasil/transmissao-de-saberes-em-festas-populares/boi-de-janeiro-em-itaobim/>>. Acesso em: 13 nov.2014.

BOLETIM da Comissão Mineira de Folclore - **IV Festa do Folclore Brasileiro**. - Nº2, Ano 1, Agosto 1976. Belo Horizonte-MG.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural – 2012. **Implementação da Convenção sobre a Proteção e a promoção da Diversidade das Expressões Culturais** – Relatório do Brasil. 166p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p. 1. Parâmetros Curriculares Nacionais. 2. Arte: Ensino de primeira à quarta série. 1. Danças folclóricas brasileiras 2. Música folclórica brasileira I. ALVARENGA, Oneida. II. Instituto Nacional do Livro. III. Título. IV. Série. B823p.

BROCHADO, Izabela Costa. **Módulo 20: Laboratório de teatro 4 - Laboratório de Formas Animadas**. Brasília, 2009. 124 p.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Edição Atualizada. São Paulo: FTD, (2008?). 703 p.

CARDIM, F. **Tratados da terra e gente do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia, 1925.433 p.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Coleção Dicionários Especializados** – 3. Dicionário do Folclore Brasileiro. A-I - Instituto Nacional do Livro - Ministério da Educação e Cultura, 1972.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CIDADE do Serro. Disponível em

<[http://descubraminas.com.br/Turismo/DestinoApresentacao.aspx?cod\\_destino=19](http://descubraminas.com.br/Turismo/DestinoApresentacao.aspx?cod_destino=19)>. Acesso em: 5 set. 2014.

COCOS do norte. **Pesquisa sobre o termo *mestre***. Disponível em:

<<http://ninnoamorim.blogspot.com.br/2007/10/brincadeira-do-coco-no-cear-un-estudo.html>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

CONGADA festa folclórica une tradições africanas e ibéricas. Disponível em:

<<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/congada-festa-folclorica-une-tradicoes-africanas-e-ibericas.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

DANÇA caboclinho. Disponível em

<[http://www.recife.pe.gov.br/fccr/cadastro/generico\\_24.php](http://www.recife.pe.gov.br/fccr/cadastro/generico_24.php)>. Acesso em: 29 ago.2014.

\_\_\_\_\_. Disponível em <[http://www.revivendomusicas.com.br/curiosidades\\_01.asp?id=136](http://www.revivendomusicas.com.br/curiosidades_01.asp?id=136)>.

Acesso em: 29 ago. 2014

\_\_\_\_\_. Disponível em <<http://6bcaboclinho1.blogspot.com.br/2009/03/definicao-caboclinho-e-uma-danca-do.html>>.

Acesso em: 29 ago. 2014.

DANÇA de trança fitas. Disponível em <<http://bahia.com.br/videos/danca-da-tranca-fitas/>>.

Acesso em: 13 nov. 2014.

DAVINI, Silvia Andrade; PACHECO, Sulian Vieira. **Laboratório de Teatro 2: Licenciatura em teatro módulo unidade 11. Laboratório em teatro 2**. Universidade de Brasília. Brasília: Gráfica e Editora Brasil,2013.Texto disponibilizado na plataforma do curso de Licenciatura em Teatro UAB/UnB.

FOLIA de reis. Disponível em <<http://www.infoescola.com/datas-comemorativas/folia-de-reis/>>.

Acesso em: 13 nov. 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GUSMÃO, Rita de Cássia Santos Buarque de; MOTT, Simone Silva Reis. **Laboratório de poéticas contemporâneas. Módulo 22:** Brasília, 2012. 161 p.

IDENTIDADE Cultural. Disponível em:

<http://www.alunosonline.com.br/sociologia/identidade-cultural.html>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

MANIFESTAÇÕES populares. Disponível em:

<[http://descubraminas.com.br/Turismo/DestinoPagina.aspx?cod\\_destino=294&cod\\_pgi=3016](http://descubraminas.com.br/Turismo/DestinoPagina.aspx?cod_destino=294&cod_pgi=3016)>. Acesso em: 10 nov. 2014.

MARTINS, Saul. **Folclore: Teoria e método**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

MAUSS, M. *As técnicas corporais*. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974. p. 211-233.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 80 p.

MORAIS, Filho Melo. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Biblioteca Básica Brasileira Senado Federal, 2002.

NANNI, D. **Dança-Educação: Princípios, Métodos e Técnicas**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

NÓBREGA, Antônio. **As danças populares sofrem o preconceito de um Brasil que as considera uma cultura menor**. Antônio Nóbrega fala sobre o novo espetáculo “Humus”. Entrevista concedida a Mariana Marinho na revista Cult. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/05/%E2%80%9CCas-dancas-populares-sofrem-o-preconceito-de-um-brasil-que-as-considera-uma-cultura-menor%E2%80%9D/>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. **Provocações 497 com Antônio Nóbrega - bloco 01**. Tv Cultura, 24/05/2012. Entrevista concedida a Antônio Abujamra. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=so4SMv5s9Iw>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

NOSSA Senhora de Fátima. Disponível em <<http://www.paginaoriental.com/titulos/nsfatima1305.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

OLIVEIRA, Shirley. **Fotos das Atividades do Grupo Dança de Caboclinho do Distrito de Penha do Cassiano**. Arquivo Pessoal. 2014. 1 álbum (20 fot.), color, 10 x 8cm. fotos tamanho 4.87.

RIOS, Dermival Ribeiro 2010. **Minidicionário Escolar Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010.

ROUBINE, Jean-Jacques. **A linguagem da encenação teatral**. Tradução e apresentação, Yan Michalski. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução de Théâtre et mise scène, 1880-1980.

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL. **Licenciatura em Teatro - Módulo 00: Arte e cultura**. DF: Artes Gráficas e Editora Pontual LTDA.

\_\_\_\_\_. **Artes visuais, música, teatro**. Brasília: UnB, 2009. Licenciatura a Distância. Coleção. XII. Título. 480 p.: il. color.; 21cm. Thérèse Hofmann Gatti; Flávia Motoyama Narita; Ana Cristina Figueira Galvão (Organizadoras). 1. Curso a distância. 2. Psicologia. 3. Antropologia. 4. Ensino. 5. Aprendizagem. I. Dias, Belidson. II. Hofmann, Thérèse. III. Castro, Rosana de. IV. Almeida, Inês. V. Mota, Janaína. VI. Burgos, Maria de Fátima B. VII. Fragozo, Maria Luiza. VIII. Inocência, Nelson. IX. Pulino, Lucia Helena. X. Maciel, Diva Albuquerque. XI.

